

# Uma leitura crítica sobre a tradução de “Pulsão de Apoderamento” – *Bemächtigungstrieb*

Antonio Trevisan<sup>1</sup>

UnB-DF

Roberto Medina<sup>2</sup>

UnB-DF/ FURG-RS

**Resumo:** Este artigo propõe uma releitura da condição tradutória sobre o termo *Bemächtigungstrieb* utilizada por Freud, sendo conhecida no Brasil como pulsão de dominação. Metodologicamente, realizamos um rastreo na obra freudiana, na teorização das escolas francesas e inglesas sobre tal noção. Examinado seu escasso estado da arte, evidenciamos não apenas os impasses intérpretes-tradutórios, mas suas singularidades, demonstrando criticamente que a posição de sua noção como dominação incorre numa posição reducionista de sua ação. A proposta indica os desvios diminutivos das observações de Freud sob os aspectos das forças pulsionais, perpetuados como “dominação”. Tal exposição constitui um dossiê sobre a questão, reunindo não apenas suas versões na literatura. Entretanto, insiste-se num reposicionamento de sua nomeação. Como resultado, defendemos o uso da grafia como “pulsão de apoderamento”, numa versão melhorativa ampliada e, conceitualmente, coerente com os processos.

**Palavras-chave:** Bemächtigungstrieb; Dominação; Pulsão; Metapsicologia.

## *A critical reading of the translation of “Pulsão de Apoderamento” - Bemächtigungstrieb*

**Abstract:** This article proposes a reinterpretation of the translational condition of the term *Bemächtigungstrieb* used by Freud, known in Brazil as “the domination drive”. Methodologically, we carried out a screening in the Freudian work, in the theorization of French and English schools on this notion. Examining its scarce state of the art, we evidence not only the interpreter-translation impasses, but also its singularities, critically demonstrating that the position of its notion as domination incurs a reductionist position of its action. The proposal indicates the diminutive deviations of Freud’s observations on the aspects of instinctual forces, perpetuated as “domination”. This exhibition constitutes a dossier on the issue, gathering not only its versions in the literature. However, a repositioning of his nomination is insisted upon. As a result, we defend the use of it as an “empowerment drive”, in an improved version that is expanded and, conceptually, coherent with the processes.

**Keywords:** Bemächtigungstrieb; Domination; Drive; Metapsychology.

A questão da tradução, da interpretação e da linguística sempre acompanharam intimamente a psicanálise, desde o nascimento até a sua expansão. Neste campo, estende-se às problemáticas estruturais da leitura interpretativa, da palavra e de um campo muito vasto das representações, que para a Psicanálise, existe sempre acompanhada de vírgula,

<sup>1</sup> Psicólogo, psicanalista, Mestre em Psicologia, Doutorando no PPG de Psicologia Clínica e Cultura – UnB-DF, netogarcia8@gmail.com, Orcid: 0000-0001-8251-0183.

<sup>2</sup> Dr. pelo Pós-lit – UnB-DF, Doutorando no PPG de Psicologia Clínica e Cultura – UnB-DF e em Estágio Pós-doutoral – FURG-RS, prof.medina@gmail.com, Orcid: 0000-0003-2388-3697.

complementos e reticências. É neste terreno exploratório que se sustenta a proposta deste artigo, retomando a investigação em termo da língua materna de Freud. Os impasses, na obra freudiana, fazem-se sempre entre tradução (*Übersetzung*) e interpretação (*Deutung*) de sonhos (*Traumdeutung*), por exemplo, no campo de conjugação de época, de contexto e de linguagens de sociedades e de culturas nas cenas de escrita, podendo haver perdas ou ganhos nas noções conceituais da disciplina psicanalítica.

Sabe-se que o campo tradutório contém em sua essência diversas faces e variações, assim como expressado no ditado italiano, “*Traduttore-traditore*”, em que a tradução é traição, ou seja, há certo tipo de usurpação semântica. Esse exemplo indica a complexidade do intérprete mediante a obra original, e sua delicada relação com a fidelidade/fidedignidade, uma combinação difícil para a raiz, e as origens da teoria. Observar atentamente a tradução, revela nas entrelinhas, o implícito trabalho de conversão da ideia, ou até os arranjos aproximativos necessários para preservar a noção original, o que na maioria das vezes carrega traços deformantes.

Assim expomos as formas de tradução, bem como os modos interpretativos, principalmente aos moldes das escolas inglesas e francesas que preconizam a produção deste vasto campo. Metodologicamente retornamos a obra freudiana, revendo as palavras, e revisitando a compreensão em torno das expressões específicas como *Bemächtigungstrieb*, *Bewältigung*, as quais são elementos centrais desta exposição. Na obra de Freud elas foram traduzidas popularmente no Brasil, como pulsão ou impulso de dominação. Sobre tudo, indicaremos inicialmente a questão da originalidade na tradução francesa, passando pela posição dos ingleses, até chegar à forma abasileirada.

Para tal revisão, empreendemos uma pesquisa minuciosa da literatura, pois a tradução implica uma exigência de posição teórica que pode incorrer em forçosas aglomerações de sentido. Naturalmente, isso aponta para o aspecto opaco da escrita (da linguagem) e o correspondente esforço que ela impõe às suas interpretações ou leituras e tentativas de transposição ou recodificação no ato tradutório: semântico e linguageiro. Lidamos, por conseguinte, com certas características do idioma alemão e de seu uso particular por Freud, o qual fomenta ares literários em sua obra.

### **A Tradução: O Campo da Interpretação da Palavra**

A dimensão da palavra é fundamental ao tratar-se da psicanálise, pelo complexo fato de que, o ato da nomeação invoca a condição do sentido, que é por sua vez, multifacetado e particularizado. A palavra central aqui é *Bemächtigungstrieb*, e de outro termo

em especial *Bewältigung*, ambos encontrados no texto escrito em alemão de 1920 chamado “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920/2020). Esclarecemos que *Bemächtigungstrieb* é o substantivo, *Bemächtigen* é o verbo, e para *Bewältigung*, que é o substantivo, enquanto *Bewältigen* é o verbo, ambos podem designar a ação de dominar. Notamos a indiferença semântica dessas significações no desenrolar da exposição sobre a pulsão de apoderamento. Os franceses avançaram sobre a questão, reabrindo o terreno desta temática. Em tal campo encontramos as primeiras formulações de Grunberger (1959), o qual abordou a noção, alertando sobre a inexplicável dimensão da pulsão mencionada por Freud. O próprio Grunberger, forneceu como proposta a grafia de *pulsion d’emprise*, a qual foi adotada e estendida por demais teóricos e autores na França. Embora o autor tenha feito articulações ao sadismo, convoca um repensar seu repertório. Outros teóricos também se empenharam quanto ao tema, como Denis (1997) propondo dois modos operacionalizáveis da pulsão, como domínio e satisfação, expondo sua pesquisa que inclui as palavras, *Bemächtigungstrieb e Bewältigung*.

Por sua vez, as investigações de Dorey (1981) atribuíram a *pulsion d’emprise* uma força relacional que se estabelece do Eu com o mundo, tal postulado complica a elucidação de seu caráter na dimensão originária, a medida que retira seu caráter independente e autônomo. Ambas as palavras são centrais, e, segundo Hanns (1996), comportam a semelhança de significar dominar, no entanto, o autor cria verbetes separados para eles, onde um tem o ato de dominar, e outro, de lidar com a situação, um tipo de execução da tarefa.

Os dicionários franceses utilizam em seu original a *pulsion d’emprise*, porém, o modo como foi traduzido para o português. Como por exemplo o dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998) traduzida por Vera Ribeiro, refere-se a tal pulsão ao descrever o conceito de libido da seguinte maneira:

Se há uma diversificação das zonas erógenas, isso significa que a pulsão sexual (cuja manifestação é a libido) divide-se em pulsões parciais: duas delas estão ligadas a regiões do corpo (pulsão oral e pulsão anal), enquanto as outras se definem por seu alvo (a pulsão de dominação, por exemplo). (p. 473)

E depois rapidamente ao explicar o campo do sadismo, “o sadismo não é explicitamente inscrito na categoria das pulsões sexuais, mas sob a epígrafe da pulsão de dominação” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 682). O trabalho de Kaufmann (1996) em seu dicionário traduzido por Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, citam como pulsão de dominação, na referência ao conceito de atividade-passividade ligada à destruição. Em suas palavras temos o seguinte:

O destino de uma pressão pulsional depende, portanto, dos investimentos respectivos do sujeito e do objeto. É assim que, quando a atividade é atribuída ao Outro, a uma instância separada ou a uma pessoa no mundo externo, o sujeito pode se ver reduzido ao eu-objeto. Ou ainda, é segundo a posição do objeto que uma pulsão de destruição assume forma de pulsão de morte voltada contra a própria pessoa ou de pulsão de dominação e de agressão derivada para o exterior. (p. 54)

Já no vocabulário de Laplanche e Pontalis, originalmente, publicado em 1967, na França, e, no Brasil, em sua edição em 1989, traduzido por Pedro Tamem, também está posto como pulsão de dominação, para esses autores a palavra designa um processo, destacado como: denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que seu emprego possa ser codificado com precisão, Freud entende por ele uma pulsão não sexual, que só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força. (Laplanche & Pontalis, 1967/1989, p. 397)

Sèdat (2007), por seu turno, observou a noção como busca pelo controle e o situa como não sexual, atuando nas origens da vida psíquica. Para esse autor,

trata-se de erradicar a dimensão aleatória de todo e qualquer objeto exterior pelo abuso a que se faz submeter um objeto que deve ser mantido sempre ao seu alcance; este objeto deve ser radicalmente compatível com o propósito da pulsão assexual, que cria e anima seu objeto. (p. 17).

Na posição desse autor, podemos entrever a força de criação do psiquismo mediante a experimentação do mundo. O pesquisador Assoun (2009) também desenvolveu uma noção particular sobre tal conceito, assimilando as formulações de Nietzsche como desejo de poder, fazendo importantes anotações sobre esse aspecto. O mesmo autor fez ainda um retrato sobre sua função originária, em que “o grau de nosso sentimento de vida e de poder é o que nos dá a medida do ser da realidade. Esta é, portanto, a realidade de toda a realidade” (ASSOUN, 2009, p. 201). Assim, recolocou *Bemächtigungstrieb* como uma raiz para compreender o desejo de poder no homem. Encontramos maior proximidade entre Sèdat (2007), e Assoun (2009), ao aprofundar observações da anterioridade dos aspectos da pulsão de apoderamento, vias para avançar na compreensão constitutiva da psique no humano. Assoun (1989/1991) propõe com firmeza observações agudas sobre a questão, em seu livro lançado originalmente em 1989, e traduzido por Maria Lucia Vieira, empregando disposição para revisitar a pulsão *d'emprise*. Esse teórico é um dos poucos contemporâneos que abordam diretamente o assunto, estando em concordância

com nossa posição. Ele nos serve com solidez para defendê-la, *a priori*, como originária. Ele demonstra nitidamente a consideração de Freud.

Ela funciona, portanto, de maneira primitiva, anteriormente ao desenvolvimento sexual genital e, sobretudo, derrogação considerável ao princípio topológico, da atividade sexual ligada às zonas erógenas. É notável que 1905, Freud, apenas indica a existência da pulsão de dominação admitindo que “a análise psicológica aprofundada desta pulsão ainda não foi bem-sucedida. (ASSOUN, 1989/1991, p. 251)

Segundo Assoun (2009), essa pulsão é, ao mesmo tempo, original e está ligada de modo tanto íntimo quanto negativo à vida sexual. Entretanto, admite que Freud não se empenhou em torná-la particular, mesmo assim integrou suas características a outros conceitos. Embora as escolas francesas sejam protagonistas na temática, também revelam a divergência de seus autores, como, por exemplo, a tese de Ferrant, defendida em Lyon, em 1991, com o título “*Les destins psychiques de l’emprise*” (FERRANT, 1991); curiosamente não faz referência à originalidade de Grunberg sobre o tema. Já no outro campo das escolas, que grifou o termo como *Instinct for Mastery*, traduzido como instinto de Maestria ou pulsão de dominação, inclinou a discussão por outra vertente, com foco na força e nas influências do Eu. Hendrick (1943), psiquiatra americano, que desenvolveu pesquisas em Boston (EUA), na década de 1950, fez importantes observações, recolocando sua ênfase na dimensão da sublimação, em que o *Bemächtigungstrieb* seria a força para elevar o objeto como atividade do pensamento, uma forma de dominação intelectual (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Quanto às referências no próprio texto de Freud, também tratamos de expor seu estado atual. Devemos esclarecer as formas conferidas nas traduções brasileiras das referidas obras de Freud. Sublinhamos o estado da edição Standard onde aparece o termo de *Bemächtigungstrieb* como pulsão de dominação. Incluímos a edição da Companhia das Letras feita por Paulo César de Souza, que a nomeou como “impulso de apoderamento” (FREUD, 1920/2020, p. 189). Em síntese podemos afirmar que os modos de tradução, seja a *Instinct for Mastery*, *Pulsion d’emprise*, pulsão de dominação, constituem posições teóricas interpretativas para solucionar, ou mesmo esclarecer suas origens, mediante a menção de Freud. Tais teses até fomentam importantes concepções, no entanto, com uma abordagem parcial e empobrecida, apresentando em sua maioria um recorte, a qual a dominação seria sua característica pejorativa. Mencionamos também o Dicionário Internacional de Psicanálise, sob a direção de Alain de Mijolla, traduzido por Álvaro Cabral, que inclui a forma italiana na expressão *pulsione d’impossessamento*, mas não estende observações significativas (MIJOLLA, 2005). No Brasil e países vizinhos, a condição é enfraquecida, e escassa; entretanto; encontramos os trabalhos de Efken, (2017) e Cardoso

(2002) que acentuam a dominação e sua relação com a violência. Com exceção a essa lógica, notamos o trabalho de Autor (TREVISAN, 2022), que indica o trabalho da pulsão de apoderamento no nível originário da atividade psíquica e numa outra posição conceitual.

De todas as maneiras como é traduzida, apontamos a forma de pulsão de apoderamento, como mais intimamente assertiva. Tomando como referência basal *Bemältigungstrieb* que aparece desde 1905, articulamos o desmonte gramatical, justificando a nomeação de apoderamento, e não de dominação. Com base no dicionário elaborado por Luiz Hanns, publicado em 1996 (HANNNS, 1996), que traz o comentário de palavras conceituais escritas em alemão, verifica-se a amplitude da questão. Segundo a concepção desse autor, o verbo “*sich bemächtigen*” (reflexivo), equivalente em português a apoderar-se. Ainda sobre o termo, ele decompõe a palavra explicando suas partículas. Observemos:

be-: Como prefixo verbal, indica uma ação que promove a concretização da qualidade do substantivo (Macht/Poder) e o transforma em verbo. Em alguns casos indica uma aproximação, um contem ou o ato de tomar (pegar). mäch-: Corresponde ao mesmo radical do substantivo Macht, “poder”, “domínio”. O verbo reflexivo sich bemächtigen significa “apoderar-se”. -ig-. Sufixo de adjetivação (como, por exemplo, o sufixo “-oso(a)” em português); quando ligado à terminação -en (-igen) tem a função de verbalização. -ung-. Sufixo de substantivação que corresponde aproximadamente a “-ção” em português. (HANNNS, 1996, p. 172)

No levantamento histórico-conceitual, o trabalho de Hanns é um dos únicos no Brasil ao retratar de modo específico as duas palavras, *Bemächtigung e Bewältigung*, mesmo que tenha atribuído formas sinônimas. Seguidos de alguns teóricos franceses como Dorey (1981) e Denis (1997) que colocam em relevância o verbo *Bewältigung*, o qual possui significado mais variável, entre os quais se pode considerar o “dar conta”, “resolver” e “superar”. Conotativamente, sugere que algo maior tem de ser enfrentado e controlado pelo sujeito.

No percurso freudiano, tanto em 1905 ao situá-lo como organizativo e dominante na fase pré-genital (FREUD, 1905/1996), como em 1920 na brincadeira do jogo *Fort-da* (FREUD, 1920/2020), como experiência que funda uma relação, o termo é empregado como a atividade psíquica, um tipo de resposta frente a estímulos externos, com intuito de dar conta dos efeitos que tal encontro produz no interior do aparelho psíquico, e tais respostas teriam o objetivo fundar um tipo de estabilidade econômica, de obter poder e controle. A proposta de Hanns (1996) é informar a abordagem de Freud ao utilizar este verbo, descrevendo algumas ações como “A) *Bewältigung* remete ao processo dinâmico de “enfrentar” e “dar conta da tarefa” (atividades ligadas a “processar”, “pôr em ordem”,

“levar a cabo”). Evoca, portanto, o aspecto de certa quantidade de trabalho e esforço a ser despendido”, ou ainda que:

B) Implica um resultado bem-sucedido; o emprego do verbo indica que o sujeito conseguiu superar uma situação ou passar por uma adversidade. C) O termo remete à ideia de enfrentamento de algo difícil, grande, que exigirá certo empenho. A palavra alemã para algo grandioso, avassalador é *überwältigend* (über, sobre/super). Nesse sentido, se alguém consegue *bewältigen* algo, supõe-se que tenha enfrentado algo de certo porte. D) O radical de *bewältigen* remete ao verbo *walten* (reinar, ser soberano, exercer domínio). O verbo intransitivo *walten* é utilizado para um tipo de “domínio exercido serenamente” (“aqui reina a paz”, “nas florestas a natureza é soberana”, “o soberano reinava sobre seus súditos com sabedoria”). No caso do verbo *waltern*, trata-se de “exercer domínio” de forma ampla, global, que consolida e deixa sereno. Uma vez dominada (*bewältigt*), a situação volta a estar sob controle. Todavia se trata de um “domínio” sobre o “estado geral”, um “retomar o controle” no sentido de “sobreviver, superar”, e não um controle total e completo que permitia manusear, manipular e dosar aquilo que se controla. (HANNIS, 1996, p. 178)

Essa dimensão despercebida nos permite categorizar outros elementos da natureza dessa pulsão, uma na dimensão econômica, destacando-a no nível da própria fisiologia, e o outro, inclinado a topologia, reverberando em seu destino, o que, inclusive, dá lugar à característica de dominação.

### **Freud: A Transversalidade do Aparelho Muscular e seu Originário**

Esta proposta nos convoca ao retorno do conceito nomeado de pulsão de apoderamento, tradução também firmada por Pedro Heliodoro e Gilson Ianini, em seu dossiê, contendo a tradução direta do alemão para o português, da Editora Autêntica em 2020, nomeado “Além do princípio de prazer”. Primeiramente, a dimensão primitiva e muscular como visibilidade da economia fisiológica pulsionalmente abordada, porém de modo transversal em sua obra, à medida que foi retratada pelo próprio Freud como seu aparelho, *Bemächtigungssapparat*, (aparelho de dominação) ou, nas palavras de Assoun (1989/1991), “ele confere um órgão à pulsão de dominação: a musculatura (a mucosa intestinal servindo de órgão para o elemento passivo)” (p. 252).

Freud, em 1895, ao investigar os sintomas conversivos da histeria, o que culminou em sua obra clássica com Breuer, sobre os “Estudos da histeria” (FREUD, 1895/1996), mencionou o aparelho muscular como meio de operação da atividade psíquica, tanto na origem da excitação, como destino da descarga libidinal. Nesse momento, faz re-

ferência ao trabalho muscular, que será, posteriormente, elevado, em 1905 (FREUD, 1905/1996), como aparelho de dominação, cenário das construções masoquismo e sadismo; não é à toa e sem lógica que o pensamento de Freud ao longo dos anos deixa pistas de um masoquismo originário. Insistindo no trabalho muscular identificado por Freud em 1895, verifica-se a nitidez sobre manifestação sintomática da histeria, notamos a observação do autor, que nos serve de luz para o avanço; “Parece ter havido um conflito entre a intenção dela e a ideia antitética (a contra vontade), o que deu ao tique seu caráter descontínuo e confinou a representação em outras vias que não os habituais para inervar o aparelho muscular da fala” (FREUD, 1895/1996, p. 175). Freud continuou protagonizando do aparelho muscular, como via representativa do trabalho psíquico, “Assim, era provável que uma alteração muscular orgânica da espécie indicada estivesse presente, e que a neurose se houvesse ligado a ela, fazendo-a parecer exageradamente importante” (FREUD, 1895/1996b, p. 176). Freud esclareceu a relação do aparelho muscular, sendo representante da atividade psíquica:

Temos aqui uma situação na qual o pensamento e a representação do eu consciente e desperto encontram-se lado a lado com representações que normalmente residem nas trevas do inconsciente, mas que agora adquiriram controle sobre o aparelho muscular e sobre a fala e, na realidade, até mesmo sobre grande parte da própria atividade representativa. (FREUD, 1895/1996, p. 76)

A partir da posição inicial da teorização de Freud, retomamos o papel importante da ação muscular em sua condição primitiva. Elemento sutilmente apagado da evolução conceitual, em detrimento da valorização de outras zonas erógenas. Porém, nesse ponto, marcamos seus fundamentos originários, ou seja, o papel do aparelho muscular na fundação constitutiva, percurso *sine qua non* para que o prazer se estabeleça como princípio. No entanto, é comum a apresentação da pulsão de apoderamento apenas em 1905, com a “Teoria da Sexualidade”, lugar de destaque, emergindo a grafia de *Bemächtigungstrieb*. Freud afirmou também que “As diferenças mais significativas dizem respeito às providências necessárias à satisfação, que, no caso da zona labial, consiste no sugar, e que terão de ser substituídas por outras ações musculares conforme a posição e a natureza das outras zonas” (FREUD, 1905/1996, p. 120). Também descreveu um tópico sobre a participação na atividade muscular na experiência sexual. Explicitou o seguinte: “É sabido que a atividade muscular intensa é, para a criança, uma necessidade de cuja satisfação ela extrai um prazer extraordinário”; e ligou diretamente ao trabalho muscular, principalmente ao investigar a fase chamada de anal, introduzindo ali a relação entre atividade muscular e o

sadismo. Freud (1905/1996, p. 136) afirmou que: “Na promoção da excitação sexual através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica”. O que nos permite reivindicar o real lugar de *Bemächtigungstrieb*, a origem da atividade psíquica, e não apenas o segundo tempo, em que se impõe uma vontade de poder, ou o aparecimento do sadismo. Relemos o que Freud elucidou:

Assim como na vida posterior o que é amado não são simplesmente os órgãos sexuais do objeto, mas todo o seu corpo, também desde o começo não são simplesmente os órgãos genitais, mas muitas outras partes do corpo que constituem sede da excitação sexual e reagem a estímulos apropriados com prazer sexual. Esse fato tem estreita relação com a segunda característica da sexualidade infantil - ou seja, com o fato de que no início, ela se acha ligada às funções autopreservativas da nutrição e da excreção e, com toda a probabilidade, da excitação muscular e da atividade sensorial. (FREUD, 1905/1996, p. 180)

É partindo da indicação freudiana da atividade originária que localizamos a pulsão de apoderamento, propondo o desmonte da tradução, e o equívoco de sua etiqueta funcional. Pois, a atividade muscular é o que permitirá primeiramente as fundações psíquicas, bem como as marcações de existência do sujeito. Freud (1905/1996, p. 189) nos esclareceu: “A substância perceptual do organismo vivo terá assim encontrado, na eficácia de sua atividade muscular, uma base para distinguir entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’”. Depois dessas condições em que Freud posiciona a atividade muscular como um aparelho fundamental, ele o articula numa posição pulsional, destacando como:

O objeto do instinto escopofílico, contudo, embora também a princípio seja parte do próprio corpo do sujeito, não é o olho em si; e no sadismo a fonte orgânica, que é provavelmente o aparelho muscular com sua capacidade para a ação, aponta inequivocamente para outro objeto que não ele próprio, muito embora esse objeto seja parte do próprio corpo do sujeito. Nos instintos auto-eróticos, o papel desempenhado pela fonte orgânica é tão decisivo que, de acordo com uma sugestão plausível de Federn (1913) e Jekels (1913), a forma e a função do órgão determinam a atividade ou a passividade da finalidade instintual. (FREUD, 1915/1996, p. 96)

Nesse cenário, expomos a posição mais rara em relação ao *Bemächtigungstrieb* e seu *Bemächtigungapparat*, Freud citou sua ação de sadismo, o que esclarece a frequente ligação da pulsão de apoderamento, aproximando seu status da destruição, força e violência. Ainda em 1915, ele a descreve da seguinte maneira: “o sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo uma outra pessoa como objeto” (Freud,

1915/1996, p. 65). Entretanto, a pulsão de apoderamento ficou desligada de seu aparelho, sendo isolada por sua suposta ação, aquela de dominação, embora tenhamos mencionado seu trabalho muscular, não é nomeada pulsão muscular ou pulsão corporal.

### **As Contribuições Finais**

O objetivo deste artigo não tem pretensões de confirmar ortodoxias ou de instituir o certo ou errado quanto à terminologia, mas, sim, de constituir um dossiê em torno da questão da nomeação, destacando as complicações de cunho tradutório-interpretativo. Acentuamos ainda que, a nomeação carrega entrelaçadamente as problemáticas da linguística, e das adaptações que isso implica. Desse modo, insistimos em expor um atento exame da tese freudiana sobre a pulsão de apoderamento, retomando-o no original, demonstrando a amplitude de tal questão, num alargamento e reabertura de sua definição.

É um dever reaver seu lugar no pensamento freudiano, que afeta diretamente a compreensão dos fenômenos psíquicos do homem. Não apenas extraíndo sua dimensão topológica, onde emerge seu estatuto originário, mas articulando a face econômica de sua ação criacionista. Por fim, sustentamos como posição a nomeação de pulsão de apoderamento, atribuindo a ela, não apenas um nome, mas hipotetizando uma relação direta com a criação, na qual o poder e o desejo de posse são expressões vivas de sua natureza. Mais uma vez, insistimos que o campo da tradução se mostra em aberto, dependendo da cultura e da época em que ocorre a transladação de um campo de saber de um idioma ao outro. Não se opta pelo correto ou incorreto, mas pela potência que um termo pode portar numa ambiência languageira. O inconsciente por si só se faz traduzir por significantes e significados de potente força de plasticidade. A própria “pulsão de empoderamento” dá mostras disso, até que surjam outras ressonâncias e reverberações numa palavra-conceito como *Bemächtigungstrieb*, impondo novos sentidos.

### **REFERÊNCIAS**

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e Nietzsche: Semelhanças e dessemelhanças*. Brasiliense, 1991. (Trabalho original publicado em 1989)
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Dicionário de obras psicanalíticas*. PUF., 2009.
- CARDOSO, Marta Rezende. Violência, domínio e transgressão. *Revista Psychê*, (10), pp. 161-171, 2002.
- DENIS, Paul. *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion*. P.U.F., 1997.

- DOREY, Roger. La relation d'emprise. In F. de Tal (Ed.), *Nouvelle revue de psychanalyse* (n. 24, pp. 117-139). Gallimard, 1981.
- EFKEN, Pedro Henrique de Oliveira. A dimensão de domínio na constituição do Ego. *Revista Subjetividades*, 17(1), pp. 22-34, 2017. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5192>
- FERRANT, Alain. *Les destins psychiques de l'emprise* [Thèse de Doctorat, Université Lumière], 1991.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. III, pp. 39-235). Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1895)
- FREUD, Sigmund. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. II, pp. 128-209). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905).
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XII, pp. 11-96). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1913).
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: Uma introdução. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XII, pp. 77-110). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1914).
- FREUD, Sigmund. O instinto e suas vicissitudes. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 117-146). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1915).
- FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias. J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 313-350). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1916).
- FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil. In J. Strachey, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XVII, pp. 13-118). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1918).
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]* (1. ed., pp. 225-302). Belo Horizonte. Autêntica, 2020. (Trabalho original publicado em 1920).
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In J. Strachey, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIII, pp. 58-205). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1920).
- FREUD, Sigmund. A negativa. In J. Strachey (Trad.), *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XIX, pp. 112-135). Rio de Janeiro. Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1925).
- GRUNBERGER, Bela. Estudio sobre la relación anal-objetal. In B. Grunberger, *El narcisismo*. Editorial Trieb, 1959.
- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro. Imago, 1996.
- HENDRICK, Ives. The discussion of the instinct to master. *Psychoanalytic Quarterly*, 12, p. 561-565, 1943.
- KAUFAMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 1996.

LAPLANCHE, Jean, & PONTALIS, Jean-Baptiiste. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo. Martins Fontes, 1989. (Trabalho original publicado em 1967)

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro. Imago, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth, & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

SÉDAT, Jacques. Pulsion d'emprise – Introduction à la perversion freudienne. *Che vuoi – Revue du Cercle Freudien*, 32, pp. 11-25. L'Harmattan, 2007.

TREVISAN, Antônio. A retomada da pulsão d'emprise. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 19(2), 121-142, 2022. Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/11769>

TREVISAN, Antônio, & VIVÈS, Jean-Michel, & MAESSO, Marcia Cristina. A justificativa em separa a crueldade da dimensão epistemofílica da pulsão de apoderamento. Ver *Natureza humana* vol. 24 pp. 167-180, 2022.